

Paraquedista morto em combate regressa a Portugal 54 anos depois

Fontes: [DN/Lusa](#)
[Isidro Esteves, Sargento Pára-Quedista](#)
05 de Dezembro de 2017 - 17H33

Paraquedista morto em combate regressa a Portugal 54 anos depois



A filha de um dos militares da Guerra Colonial descobriu "como morreu e onde foi enterrado" o pai através de um "álbum" de fotografias no Facebook de um sargento paraquedista.

Um soldado paraquedista morto em combate em Angola em 1963 foi trasladado na semana passada para Portugal e vai ter uma homenagem e cerimónias fúnebres na quarta-feira, no culminar da "batalha de uma vida" travada pela sua filha.

Ernestina Silva chegou na segunda-feira dos Estados Unidos para poder assistir às cerimónias que se vão iniciar às 09:30 de quarta-feira na capela da Força Aérea, em Lisboa, e vão culminar no cemitério de Lobão da Beira, no concelho de Tondela (distrito de Viseu), de onde António da Conceição Lopes da Silva era natural.

O cortejo terá uma paragem na base de Tancos (Vila Nova da Barquinha, distrito de Santarém), para uma homenagem promovida pela União

Portuguesa de Paraquedistas, em colaboração com a Força Aérea Portuguesa e o Regimento de Paraquedistas da Brigada de Reação Rápida.

"Queria trazê-lo para Portugal", disse Ernestina Silva à Lusa, contando como nunca se conformou com o facto de o pai, que não chegou a conhecer, ter ficado "abandonado", apenas porque a família não teve, na altura, os meios para custear a sua parte (o Estado colocava os restos mortais em Lisboa, mas a família tinha que pagar o transporte até à aldeia e o funeral - explicou).

Marcada pelas narrativas sobre a personalidade do pai, ouvidas no seio da família paterna, com quem viveu em criança depois de a mãe emigrar para a Alemanha -- "fui criada como se visse o meu pai todos os dias" -, Ernestina partiu aos 22 anos para os Estados Unidos, já casada e com uma filha, mas continuou "sempre à procura".

Foi com a Internet e as redes sociais que finalmente descobriu "como morreu e onde foi enterrado" o corpo do pai.

A história estava no "álbum" que Isidro Moreira Esteves, sargento paraquedista na reserva, tem vindo a publicar na sua página no Facebook, num trabalho "solitário" e "incómodo para alguns", também ele a "batalha de uma vida" para que se cumpra o lema dos paraquedistas, de que "ninguém fica para trás", como o próprio relatou à Lusa.

Foi aí que Ernestina ficou a saber que o pai morreu porque era o primeiro de uma fila alvejada no dia 03 de outubro de 1963 em Úcuá, no município do Dande, na província do Bengo, durante a Guerra Colonial.



Paraquedista morto em combate regressa a Portugal 54 anos depois



Isidro Esteves estava "a cinco metros dele" e tem na sua posse documentos que atestam as circunstâncias da morte de António Silva em combate.

Foi a sua persistência em "não abandonar os que ficaram" que o levou a pedir a um amigo, em 2012, que fotografasse o talhão militar do cemitério de Santana, situado na estrada do Catete, em Luanda, onde estão "centenas de soldados portugueses", na tentativa de descobrir se havia paraquedistas entre eles.

Entre as cinco campas que exibiam o 'brevet' das tropas paraquedistas estava a de António Silva, narrou Isidro Esteves à Lusa.

Foi quando se deparou com essa foto que Ernestina Silva acreditou que poderia "descobrir a verdade".

"Telefonei nesse mesmo dia. Chorei muito", disse Ernestina à Lusa, relatando como, a partir daí reforçou contactos com antigos paraquedistas, de quem se tornou amiga através do Facebook, e que, tal como Isidro Esteves, se revelaram "incansáveis".

Foi através de uma agência funerária internacional, e das diligências e do apoio dos paraquedistas - que angariaram dois terços da verba necessária para a exumação e trasladação --, que Ernestina Silva viu concretizar-se um processo iniciado formalmente há cerca de um ano.

Hoje à noite vai ter, sozinha, uns momentos junto à urna do pai, na capela da Força Aérea, em Lisboa, onde na quarta-feira de manhã se realizará uma missa antes da partida para Tancos, local para uma homenagem "bonita" promovida pelos paraquedistas, seguindo depois para o cemitério de Lobão da Beira, percurso que Isidro Esteves faz questão de acompanhar passo a passo.

Questão dos soldados "abandonados" em Angola

A trasladação para Portugal dos restos mortais do soldado paraquedista António Silva deve relançar a questão do regresso dos militares sepultados em solo angolano, disse à Lusa Isidro Esteves.

Paraquedista morto em combate regressa a Portugal 54 anos depois

"No caso de Moçambique e da Guiné, o assunto já está resolvido, mas, no caso de Angola, o Governo daquele país não tem sido recetivo e os nossos mortos estão literalmente abandonados. Aquilo está tudo vandalizado", disse à Lusa, lamentando que as diligências da Liga dos Combatentes não sejam acompanhadas pelos "esforços" que seriam de esperar da parte do Governo português.

O sargento paraquedista acrescenta ainda que "dói" não só o abandono a que os antigos combatentes em Angola foram votados, mas também "o grande silêncio" em torno deste tema.

Empenhado em conseguir o regresso dos restantes quatro paraquedistas cujas campas foram identificadas nas fotos, Isidro Esteves compreende, mas lamenta, que, ao contrário de Ernestina Silva, muitas famílias preferam "não mexer" no assunto.

A sua esperança é que, com o caso de António Silva, o processo "não pare" e surjam outros familiares a exigir o regresso dos restos mortais daqueles soldados.

Também Ernestina Silva acredita que o caso do seu pai pode ser um começo e que outras famílias apareçam agora a reclamar a exumação e trasladação dos corpos.

"É triste morrerem pela Pátria e serem abandonados, sem ninguém a visitar, a colocar uma flor, como é da nossa cultura", disse à Lusa, sublinhando que, neste momento, sente "uma paz imensa".

Além da sepultura de António Silva, Isidro Esteves identificou a do soldado paraquedista António Manuel da Costa, caído em combate em 08 de maio de 1961, a do 1.º cabo Claudino de Almeida Cunha, também morto em combate, em 25 de agosto de 1961, e as dos soldados mortos em acidentes de viação Carlos Ângelo da Cruz Samorinha (em 04 de dezembro de 1963) e Jorge Mendes Pimentel (em 12 de Janeiro de 1967).